



## **Crédito: Técnicos Oficiais de Contas apelam a sistemas de financiamento alternativos para as empresas**



**Número de Documento:** 13805740

**Santarém, Portugal 13/02/2012 15:43 (LUSA)**

**Temas:** Economia, Negócios e Finanças, Media, Economia (geral)

Santarém, 13 fev (Lusa) – O bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC) defendeu hoje, em Santarém, sistemas de financiamento alternativos para as empresas, lamentando que estas hoje sejam “escravas” de um sistema que “está mais preocupado em resolver os seus problemas”.

Domingos de Azevedo falava no final de mais uma sessão “Portugal a Soma das Partes”, iniciativa que a OTOC está a desenvolver em todo o país com a TSF e o Diário de Notícias, e que hoje decorreu em Santarém.

Referindo o facto de as empresas estarem atualmente limitadas a dois meios de financiamento, ou através de capitais próprios ou por recurso à banca, o bastonário questionou por que razão não se desenvolvem outros sistemas, simples, nomeadamente com recurso a capitais de risco ou em que os cidadãos possam participar diretamente no financiamento das empresas.

“Porque não criar mecanismos diferentes dos que existem, dando meios às empresas para cumprirem os seus objetivos?”, questionou, lamentando que, a coberto da crise, comecem a surgir alguns atos que podem ser vistos como de “desrespeito para com a sociedade organizada”.

Logo no início da sessão, Luís Suspiro, chefe de cozinha e proprietário de restaurantes em Lisboa e na Ereira (Cartaxo), disse que os empresários estão “asfixiados” e a viver num “ambiente de terror”, anunciando que vai abrir um negócio “sem preços nem faturas” e em que “cada um paga o que quiser”.

Luís Suspiro adiantou que, a partir da primavera, vai abrir a sua residência a quem quiser comer ou dormir e vai “viver de esmolas”, comprometendo-se, no final do mês, a repartir o que lhe sobrar com instituições sociais e a Liga Portuguesa Contra o Cancro.

“Chamem economia paralela, chamem o que quiserem, mas é a saída que tenho”, disse, depois de afirmar que, desde que começaram a ser aplicadas as medidas da ‘troika’, teve quebras de 70 a 80 por cento no negócio, só lhe restando a insolvência.

Na sessão, que contou com a participação dos deputados eleitos pelo distrito Vasco Cunha (PSD), António Serrano (PS) e António Filipe (PCP) e do presidente do Instituto Politécnico de Santarém, também a presidente da Associação Empresarial da Região de Santarém (Nersant), Salomé Rafael, referiu as dificuldades que as empresas atravessam.

Salomé Rafael apontou a falta de financiamento junto da banca como o maior problema para as empresas se manterem no mercado, a que se junta o peso da carga fiscal, os custos de produção “enormes” e as margens mínimas com que estão a funcionar.

“É preciso pensar outro tipo de financiamento alternativo à banca, como a criação de fundos regionais, como já aconteceu no passado, ou mecanismos inovadores de financiamento, como a titularização de créditos”, afirmou, dando como exemplo “a criação de um fundo de obrigações participantes” gerido pelo IAPMEI ou por uma garantia mútua.

“Em cada mês que passa mais empresas fecham, o que cria problemas terríveis quer ao nível da produtividade quer ao nível das questões sociais e de desemprego”, frisou.

MLL.

Lusa/fim